

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

EDUARDO PIRES BARBOSA FONSECA

OS SUJEITOS SOCIAIS E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NA
FEIRA LIVRE DE UBERLÂNDIA / MG

4212

S.9

(C)

UBERLÂNDIA / MG

2013

EDUARDO PIRES BARBOSA FONSECA

**OS SUJEITOS SOCIAIS E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NA
FEIRA LIVRE DE UBERLÂNDIA / MG**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em História.

Orientador: Paulo Roberto de Almeida

UBERLÂNDIA / MG

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

EDUARDO PIRES BARBOSA FONSECA

**OS SUJEITOS SOCIAIS E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NA
FEIRA LIVRE DE UBERLÂNDIA / MG**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em História.

Professor (a)

Professor (a)

Professor (a)

Uberlândia, de de 2013.

Resultado: _____

RESUMO

O trabalho a seguir tem como objetivo analisar o espaço e os sujeitos sociais da feira livre de Uberlândia. Tendo como abordagem seus modos de trabalho, modos de vida, e os problemas que enfrentam diariamente: o aumento da concorrência, e da fiscalização. Teremos como corpo da narrativa a tentativa de demonstrar o espaço desses trabalhadores: espaço de sociabilidade e comércio.

A narrativa se divide em dois capítulos:

O primeiro aborda a burocratização desse espaço e a consequência desse processo.

O segundo como esses sujeitos modificam esse espaço criando modos de trabalho, através da assimilação das mudanças internas e externas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Horário de funcionamento da feira livre de Uberlândia.....	27
Tabela 2. Metragem e itens permitidos na feira livre de Uberlândia	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. FEIRA LIVRE DE UBERLÂNDIA: LUGAR DE SOCIABILIDADE E DE COMÉRCIO.....	16
2. SER FEIRANTE: O SONHO E A SOBREVIVÊNCIA.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.
ENTREVISTAS.....	41
BIBLIOGRAFIA.....	42

INTRODUÇÃO

A ideia de trabalhar com a feira livre de Uberlândia surgiu no segundo período da graduação na Universidade Federal de Uberlândia, na disciplina História Local e Regional. Em uma das aulas, o professor Paulo Roberto de Almeida interrompeu a explicação para relatar aos alunos o seu desejo de pesquisar sobre a feira livre do município, principalmente a feira do bairro Luizote de Freitas, a segunda maior feira da cidade, com 115 feirantes, que ocorre nos dias de domingo e fica localizada na Avenida José Fonseca e Silva, a principal do bairro. Na sua justificativa, ele falou sobre a importância de analisar um lugar carregado de tradições, disputas e memórias. Até esse momento, não fazia ideia de que a feira livre de Uberlândia seria um local importante para estudo. Olhando para ela, não conseguia enxergar um lugar de disputas, tradições e memórias. Mas, em virtude do fato de ter trabalhado na feira dos 12 aos 18 anos, e de meus pais terem mais de vinte anos de profissão como donos de banca na feira livre, começaram a surgir indagações, que se refletiram no meu primeiro projeto de pesquisa.

A feira livre de Uberlândia teve início na década de 60 do século XX, com o objetivo de facilitar a comercialização e a distribuição da produção dos pequenos produtores da região.

Nas quatro décadas de existência, a feira passou por várias mudanças e por uma grande expansão em virtude do crescimento da cidade. No começo, não possuía nenhum tipo de fiscalização, mas, com sua expansão, a prefeitura de Uberlândia começou a criar mecanismos de fiscalização e padronização e, na década de oitenta, foi criado o Sindicato dos Feirantes de Uberlândia, que hoje possui 350 contribuintes, que compõem 62 feiras legisladas (30 diurnas e 32 noturnas) por um decreto criado em 1992 (Decreto nº 5.664, de 13 de novembro).

O objetivo desse decreto é padronizar e fiscalizar as feiras e os feirantes que as compõem. Ele possui artigos bem específicos no que se refere às regras que os feirantes devem seguir e aos deveres destes, fiscalizados pela Secretaria de Agropecuária e Abastecimento, responsável pela criação, fiscalização e suspensão das feiras quando estas não atingem os pré-requisitos listados em seu capítulo II, a partir do art. 2º, no que diz respeito à viabilidade da feira em um determinado espaço:

As feiras têm caráter supletivo de abastecimento, e seu dimensionamento, remanejamento, suspensão de funcionamento ou extinção poderão ocorrer a juízo da Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento quando houver estabelecimento comercial do gênero permanente na sua área de influência, suficiente para atender ao abastecimento da população e sempre

que se verificar a ocorrência conjunta ou separadamente das seguintes condições:

I – densidade razoável de população;

II – localização viável;

III – interesse da Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento;

V – interesse do órgão de representação da classe de feirante.

(UBERLÂNDIA, 1992, p.1)

Mas o mais intrigante desse decreto é a relação que o poder público possui com os feirantes, o que fica claro no capítulo III, art. 10:

O requerimento de permissão de uso conterá o número do registro geral indicado na cédula de identidade do candidato, bem como o número de seu registro no cadastro de pessoas físicas e jurídicas, e deverá ser instruído com os seguintes documentos. (Ibid, p. 3)

Os feirantes são permissionários, ou seja, eles possuem apenas a permissão para comercializar em um determinado espaço disponibilizado pela prefeitura. Essa relação de permissão, sem uma segurança concreta, fica ainda mais clara no capítulo II, art. 2º, onde fica “delegada ao secretário municipal de Agropecuária e Abastecimento a competência para criar e extinguir parcial ou totalmente as feiras livres, em atendimento aos interesses da população” (Ibid, p. 1)

Sendo assim, como os diferentes agentes sociais se apropriam do espaço da feira para obter seus objetivos, sejam eles políticos ou econômicos? Tendo a perspectiva de que esse é um espaço de sociabilidade, como se dá a relação dos diferentes sujeitos sociais que mudam o significado desse espaço por meio de suas experiências e práticas cotidianas?

Analisar somente esses decretos me parece insuficiente para que possamos verificar com mais clareza como os feirantes enxergam o seu espaço de trabalho e como são suas relações com os órgãos públicos. Temos que ter como perspectiva que esses sujeitos sociais e históricos interpretam e dão diferentes sentidos para essas relações com base em suas experiências cotidianas. Não podemos analisar somente esses decretos e pensar que eles possuem o mesmo sentido para todos os feirantes.

Essa era uma das minhas falhas no projeto inicial. Pensei que era possível analisar como os feirantes enxergavam seu local de trabalho apenas por meio dos documentos oficiais, sem levar em consideração suas indagações, interpretações e disputas dentro do seu próprio local de trabalho.

O trabalho com história oral me possibilitou enxergar melhor essas possibilidades, analisando não somente as entrevistas, mas o estudo historiográfico de autores que trabalham com história oral, como: Portelli (2001, 2005), Khoury (2004), Grupo Memória Popular,

Tania Risério d'Almeida Gandon, Philippe Joutard, Luisa Passerini e outros. Esses autores me trouxeram à luz como trabalhar com entrevistas e qual o lugar do historiador diante do seu entrevistado.

Foram feitas três entrevistas: a primeira com José Carlos e Aparecida, a segunda com Danilo, a terceira com Ademilton. Todos possuem um ramo diferente de trabalho e diferentes trajetórias que explicam como chegaram à cidade e como se tornaram feirantes. E, por isso, todos possuem diferentes pontos de vista sobre seu local de trabalho, pontos de vista esses criados com base em suas experiências cotidianas, que são sociabilizadas por meio de suas narrativas, o que pude perceber graças à leitura do texto *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história*, de Khoury (2004), que me fez enxergar essas narrativas como “atos interpretativos” e “atos de transformação de sentido”. Nesse contexto, as falas dos entrevistados são interpretações de suas experiências processadas em sua memória, que são sociabilizadas, motivadas por uma pergunta feita por um sujeito social, que também possui suas indagações sobre o tema, geradas por suas experiências cotidianas.

A entrevista de José Carlos e Aparecida foi realizada na casa deles, em 15 de julho de 2010. Aparecida, que é minha mãe, veio de Goiânia para Uberlândia com 11 anos de idade, para trabalhar na casa de um casal de médicos pediatras como babá. Em 1988, tornou-se feirante para ajudar o Sr. José Carlos, meu pai, que se tornou feirante em 1996.

Ao questionar o motivo pelo qual a Sra. Aparecida começou a trabalhar na feira livre de Uberlândia e qual era o sentido da feira para ela naquela época, a resposta foi:

Trabalho. (Aparecida)

Para a pergunta:

Você tinha alguma perspectiva na feira de mudar de vida, ou trabalhava somente para sobreviver? (Eduardo – entrevistador)

Foi dada a resposta:

Sobreviver. (Aparecida)

O Sr. José Carlos completa:

Não, ela entrou na feira foi pra me ajudar, porque eu ganhava muito pouco na mecânica, eu era torneiro, e ela entrou pra me ajudar, aí depois ela correu atrás do sindicato dos feirantes, que tinha um ponto de banca de bijuteria, e ela achou que seria interessante vendê calcinha, bijuteria e essas coisas. Ai

ela entrou e, pra me ajudá, mas ela começou com um carrinho de mão. (José Carlos)

Percebam que os dois possuem uma interpretação diferente para suas experiências. A pergunta foi feita para Aparecida, porém, quando José Carlos percebeu que a resposta não estava de acordo com sua memória do mesmo acontecimento, ele interveio, mesclando a narrativa do começo da feira com sua trajetória familiar. Cada um deles possui uma banca de tempero. A Sra. Aparecida tem cinco pontos na cidade de Uberlândia: quarta-feira no bairro Luizote de Freitas, sexta-feira no bairro Mansur, sábado nos bairros Santa Mônica e Santo Inácio, e domingo no bairro Luizote de Freitas. O Sr. José Carlos, em virtude da grande concorrência na cidade, procurou novas oportunidades em cidades vizinhas: Araguari e Monte Alegre. Ele possui apenas um ponto em Uberlândia, na quarta-feira, no bairro Patrimônio. Os dois foram os primeiros entrevistados para o trabalho, e nos proporcionaram a compreensão de vários aspectos, que serão importantíssimos para a nossa análise. Aspectos como: a concorrência que aumenta na cidade, o rigor da fiscalização, a relação do trabalho com seus modos de vida.

A segunda entrevista foi feita com Danilo, um jovem de 23 anos, e sua esposa, Polyana, de 20 anos. A entrevista ocorreu na feira do bairro Maracanã, no sábado de manhã, no dia 21 de agosto de 2010, e foi motivada por se tratar de uma pessoa jovem, que já possui uma banca com sua esposa. Na data da entrevista os dois estavam com um ano e dois meses de feira. Se comparados com o Sr. José Carlos e a Sra. Aparecida, são duas pessoas com pouco tempo de feira. Danilo trabalha em uma banca de verdura, que foi trocada por uma casa que ele e sua esposa possuíam em Patrocínio. Os dois vieram sozinhos de lá para começar a trabalhar na feira livre:

Ao perguntar qual foi o motivo que o incentivou a entrar na feira livre, Danilo respondeu:

Sair do empregado, trabalhar pra mim. (Danilo)

Ao continuar a entrevista, perguntando onde ele trabalhava, Danilo afirmou:

Eu trabalhava lá em Patrocínio, em uma madeireira. (Danilo)

Perguntei se o serviço era “pesado” e ele respondeu:

É, faz tudo, de tudo, de motorista a vendedor, fazia tudo. (Danilo)

Então questionei se antes de trabalhar nessa madeireira, ele havia trabalhado em outro lugar.

Não. Já trabalhei de garçom no Posto Doidão, no Carretão, já trabalhei de entregador de água mineral. (Danilo)

Em seguida, perguntei se ele passou a trabalhar na feira para deixar a vida de empregado. A resposta foi:

É, a gente sempre quer alguma coisa a mais, né, não adianta. Salário num, salário tem um serviço que, chega num certo ponto ele não aumenta mais. O salário fica aquilo lá, entendeu? (Danilo)

A entrevista com Danilo foi muito objetiva. Parece que, por ter consciência sobre o porquê de seu começo na feira e sobre a sua vinda para Uberlândia para comprar uma banca, me fez ver claramente quais perguntas deveriam ser feitas na entrevista.

O começo da entrevista transcrito acima foi sobre o motivo de ter vindo para a cidade de Uberlândia para começar no ramo da feira livre. E essas perguntas, seguidas por suas respostas, me fizeram entender com mais clareza as leituras de Khoury (2004) e Portelli (2001). No desenvolver de suas reflexões sobre história oral, esses dois autores nos demonstram como cada sujeito social possui uma memória sobre determinados momentos de sua vida que são adquiridas por suas experiências cotidianas e, quando são ativadas por uma pergunta, são reelaboradas e sociabilizadas. Danilo, ao ser perguntado sobre o motivo de ter entrado na feira de Uberlândia, logo respondeu com clareza e objetividade que era para sair da vida de empregado. Essa é sua memória sobre esse episódio de sua vida, que foi elaborada por sua experiência de vida, por ter trabalhado a vida inteira como empregado antes de virar feirante.

Há outros aspectos importantes em sua entrevista que serão analisados no desenvolver do texto, juntamente com as outras entrevistas.

A terceira entrevista foi feita com o queijeiro Adenilton, produtor de queijos da cidade de Guimarães. Ele produz queijos em sua propriedade durante a semana, e nos finais de semana os vende nas feiras dos bairros Maracanã, aos sábados de manhã, e Monsenhor Eduardo, aos domingos.

Sua entrevista foi realizada na mesma feira em que trabalha Danilo, em 4 de setembro de 2010, no seu horário de trabalho.

Durante dois anos eu trabalhei em frente à sua banca, no bairro Maracanã. Nesse período, observei suas conversas com os clientes. Eram narrativas carregadas de frustrações

ou conquistas pessoais. Muitas vezes, seus diálogos eram repletos de memórias sobre épocas anteriores, onde se vendia mais, se ganhava mais dinheiro, a concorrência era menor e o trabalho era mais satisfatório. O meu objetivo, na entrevista, não era resgatar essa nostalgia de forma ingênua e enaltecer uma época de ouro para os feirantes. A minha perspectiva, entrevistando-o, era de conseguir enxergar a relação que existia entre suas preocupações e frustrações do presente com memórias que demonstram outras formas de relação com o trabalho, a cidade, os clientes:

Para chegar a esse ponto, eu questionei:

E a gente vê você conversando com os clientes aí, você tem certa saudade da década de 80, aquela época em que você começou na feira? De que você sente falta na feira ou na sua vida? (Eduardo – entrevistador)

Adenilton respondeu:

Naquela época era melhor que vendia muito, você colocava, se você precisava vendê muito, você colocava uma promoção, é vinte centavos que você baixava em quilo, você vendia tudo, limpava tudo. Agora hoje não adianta mais, se abaixa o preço, simplesmente você vai tomá prejuízo, porque o lucro, a margem de lucro é pequena, e a quantidade que vende é menor. Aí, então, como se diz, naquela época era muito melhor, porque se você queria vender muito, você abaixava um pouco no preço, tinha, vendia em grande quantidade, chegava no final saía ganhando mais porque, pela quantidade. (Adenilton)

É importante percebermos que, em sua resposta, buscando a memória sobre seu início na feira, numa época que, em sua opinião, era melhor para a venda, ele traz um problema do presente:

Agora hoje não adianta mais, se abaixá o preço, simplesmente você vai tomá prejuízo, porque o lucro, a margem de lucro é pequena, e a quantidade que vende é menor. (Adenilton)

Percebam que ele faz uma relação do passado com suas frustrações do presente, dando sentido à sua memória por meio de problemas que fazem parte da sua realidade atual. Em *O momento de minha vida: funções do tempo na história oral*, Portelli (2005) nos demonstra que o tempo impulsionador para nossas memórias, narrações e entrevistas é o tempo presente, são nossas inquietações sobre o presente que dão sentido à entrevista. E são as inquietações que o entrevistado têm no presente que dão sentido à organização de suas repostas.

Esses são os sujeitos sociais que vão compor a minha tentativa de entender as relações existentes na feira livre de Uberlândia, tendo como perspectiva que cada um possui uma

realidade e uma trajetória particular que proporciona sentidos e modos de trabalho diferentes. São pessoas que começaram a trabalhar na feira em épocas diferentes, com objetivos diversos, e que seguiram caminhos particulares. Nesse sentido, cada um possui sua visão sobre o passado e o presente, e perspectivas sobre o futuro. Algumas narrativas estão carregadas de conquistas pessoais, de satisfação por conseguir realizar o sonho de sair da condição de empregado e de ter conquistado algo melhor. Outras estão cheias de menções a um passado melhor que nunca voltará, entrando em conflito com o presente, que representa a precarização do trabalho, o aumento da concorrência, o aperto da fiscalização.

Com o caminhar do nosso raciocínio, vamos tentar enxergar, com base nas entrevistas e documentos da prefeitura, como essas mudanças no mundo dos trabalhadores e na cidade criaram novas formas de sociabilidade e de práticas no trabalho, e como essas novas práticas compõem suas narrativas.

O meu projeto de pesquisa tem um recorte muito específico: trabalhar com a narrativa oral de quatro feirantes e com a documentação da prefeitura para tentar enxergar como as mudanças na cidade e no próprio interior das feiras proporcionaram novas perspectivas de trabalho, sociabilidade e futuro. Tentar analisar esse processo não é tarefa fácil, é necessário ter em mente que as relações que se compõem naquele ambiente fazem parte de um processo de constante mudança. A feira não está desvinculada das mudanças da cidade. Muito pelo contrário, essas mudanças estão diretamente relacionadas com a forma com que os sujeitos sociais que a compõem a enxergam e interpretam.

Esta pesquisa não tem a pretensão de fechar o debate ou de analisar todas as formas de sociabilidade e problemas da feira livre de Uberlândia. Como foi dito anteriormente, existem 62 feiras em bairros diferentes, cada uma passando por processos diferentes dentro da cidade, que merecem nossa atenção para análise. O feirante e seus modos de trabalho são apenas uma parcela de um imenso processo de sociabilidade. Projetos futuros de pesquisa podem levar em consideração: os clientes, os ambulantes, os funcionários dos feirantes, os moradores na rua das feiras, os mendigos, os traficantes, os policiais e o poder público, as garotas de programa. Todos esses sujeitos sociais, alguns marginalizados pela sociedade, compõem várias feiras dessa cidade. São pessoas que utilizam esse espaço de sociabilidade para pôr em prática sua maneira de viver e de se sociabilizar.

Este foi o meu primeiro trabalho com história oral. E, como disse Portelli (2001), toda entrevista nos ensina algo diferente. Neste meu primeiro trabalho, muitas dificuldades surgiram. E depois de prontas as entrevistas e de analisá-las, percebi que vários pontos

poderiam ser corrigidos nas próximas, para que elas pudessem elencar mais pontos a serem analisados.

Uma das primeiras dificuldades foi referente às perguntas. Fiz perguntas muito objetivas e somente referentes ao tema da feira. Mas, estudando a bibliografia sobre história oral, percebi que as perguntas não devem ser tão objetivas e somente sobre o assunto desejado, pois questões sobre a vida pessoal e a trajetória familiar do entrevistado podem nos dizer muito mais sobre o tema desejado.

O primeiro projeto que fiz para a disciplina MTPH (Método Técnicas de Pesquisa em História) foi feito sem as entrevistas. O objetivo que tracei e as minhas perspectivas foram projetados com base em especulações sobre quais temas seriam abordados nas minhas entrevistas. Eu queria abordar o começo da feira e o começo da profissão de cada entrevistado. Porém, na época das entrevistas, em 2010, outras questões estavam me intrigando, e aos feirantes também. Eram questões referentes à concorrência, em razão do aumento expressivo do número de supermercados Bretas na periferia da cidade, e do aumento da fiscalização, que na época fechou vários abatedouros de frango. Foi nesse momento que percebi que foram as questões do presente que conduziram minhas perguntas. Nesse sentido, fazer especulações para construir um projeto de história oral é um erro, pois a entrevista é um diálogo aberto que se constrói no momento, com base nas indagações de temas do presente. Nas minhas entrevistas não há menção sobre a década de 60 e seu começo, até mesmo porque nenhuma entrevista foi feita com feirante desse período.

Por isso, é necessário ter as entrevistas em mãos para que possamos construir objetivos e perspectivas sobre determinado tema, sem cairmos no perigo de ficarmos somente em especulações vagas. E isso vale para todas as formas de metodologia. O material de pesquisa do historiador são os documentos. Sem eles, seu projeto, suas pesquisas não passam de especulações sobre determinado tema.

No Primeiro capítulo, analisaremos melhor qual a relação dos feirantes com o poder público, e quais são as implicações que essa aproximação traz para o cotidiano desses trabalhadores, além da disputa desse espaço público pelos sujeitos sociais.

No segundo, abordaremos o que motiva as pessoas a trabalharem na feira e como elas criam modos de trabalho que permitem que a feira sobreviva ao progresso da cidade e à crescente concorrência.

1. Feira Livre de Uberlândia: Lugar de sociabilidade e comércio

Neste capítulo, abordaremos as mudanças nas feiras, a relação dos feirantes com o poder público, o crescimento da cidade, a transformação das formas de comercialização e a relação com as outras pessoas. Ele terá como foco o ambiente, o espaço da feira livre, os outros sujeitos sociais, analisando como se dá a relação dos feirantes com esses sujeitos e o ambiente.

As relações que os feirantes têm com o poder público são muito ambíguas, pois é essa relação que lhes retira o sonho de se tornarem proprietários de seu comércio. Ela se tornou mais complicada quando, na última gestão do prefeito Odelmo Leão (2010 – 2013), foi aprovada a Lei n.º 10.702, de março de 2011, alterada pela Lei n.º 11.108, de 30 de abril de 2012. Esse projeto de lei segue em sua maior extensão o Decreto n.º 5.664, de 13 de novembro de 1992, que estava em vigor até então, regularizando o exercício dos feirantes. As leis que regularizam o processo licitatório e o processo de transferência das bancas feriram ainda mais a relação dos feirantes com o poder público, pois decretam de vez que estes não são proprietários de seus comércios.

Em todas as entrevistas, fiz a pergunta se a banca do entrevistado era comprada ou ganha por licitação pela prefeitura. No momento da entrevista, essa pergunta foi feita sem maiores pretensões. Fiz porque sabia que muitos feirantes há vinte anos ganharam suas bancas. Todos os entrevistados me disseram que suas bancas foram compradas, ou seja, eles negociaram um valor com seu antigo proprietário, sem a interferência da prefeitura, e fizeram a transferência da permissão para trabalhar no espaço público.

Nesse novo projeto de lei, a permissão para o uso do espaço público é concedida somente mediante processo licitatório por concorrência pública, conforme artigo 7º: “A permissão de uso, outorgada através de processo licitatório, será outorgada pelo prazo de 10 (dez) anos e formalizada mediante assinatura do respectivo termo.” (UBERLÂNDIA, 2011, p. 2)

Esse artigo coloca um prazo de validade para o sonho dos feirantes de serem donos do seu próprio negócio. E o que mais incomoda é a incerteza de continuar sendo feirante após dez anos. Pelo decreto, antes do projeto de lei, o feirante era obrigado apenas a renovar a sua permissão todos os anos, apresentando alguns documentos e pagando os encargos para o município. Essa mudança causou um enorme alvoroço na classe dos feirantes, pois representou uma grande mudança no seu local de trabalho, pois, no prazo de dez anos, eles terão que concorrer com outras pessoas por uma licitação para garantir o seu sustento. A

seção I dessa lei, nos artigos 8º e 9º, parágrafos 1º, 2º e 3º, regulamentam o processo licitatório e suas exigências para a concorrência da licitação:

Os espaços públicos das feiras livres serão objeto de licitação por intermédio da modalidade de concorrência pública, a ser realizada pelo órgão municipal competente, observados os ramos de atividade a elas destinados, visando outorga da permissão de uso nos termos da Lei Federal nº 8.666, de 21 de junho de 1993, e suas alterações e do ordenamento municipal atinente. (UBERLÂNDIA, 2011, p. 2)

Esse artigo muda completamente a relação que os feirantes tinham até então com a prefeitura de Uberlândia. Pelo Decreto nº 5.664, de 13 de novembro de 1992, não há a exigência de se concorrer a uma licitação pública no prazo de dez anos, o que está em vigor nesse decreto é a obrigação anual dos feirantes de fazer o seu recadastramento, apresentando documentos pessoais e os recibos dos impostos municipais:

O Decreto nº 8.356, de 2000, afirma em seu artigo 15:

Anualmente, até o último dia útil do mês de maio, o feirante deverá providenciar, junto ao órgão competente, o recadastramento da sua matrícula exibindo a quitação de taxas e impostos junto aos cofres públicos municipais, e outros documentos que na oportunidade lhes forem exigidos. (UBERLÂNDIA, 2000, p. 2)

Essa obrigação anual dos feirantes de fazer seu recadastramento parece mais uma forma de a prefeitura coercitivamente obrigá-los a pagarem as taxas municipais para o exercício de suas atividades, pois, se não houver o pagamento destas, o recadastramento não é feito. Mesmo com a aprovação da lei, que valida a licitação com o prazo de dez anos, essa obrigação anual dos feirantes ainda é exigida pela prefeitura. Isso significa uma forma eficiente de obrigá-los a pagarem os impostos anualmente, pois a licitação vale por dez anos, mas o recadastramento deve ser feito todos os anos.

A lei sobre a transferência das permissões é a que mais perturba os feirantes. A maioria dos feirantes atuais comprou suas bancas de terceiros, sem a interferência da prefeitura na negociação. A negociação de permissões é proibida desde o Decreto nº 5.664, de 13 de novembro de 1992. Porém, a administração da prefeitura sempre fez “vista grossa” no que se refere a esse assunto. O valor de negociação dessas permissões aumentou com o tempo. Por ser proibida, não existe nenhuma forma de documento oficial para podermos analisar com mais prioridade essa valorização. As negociações são feitas de forma oral, sem nenhum tipo de recibo ou contrato de compra e venda. Para tentar conter essas negociações e

a criação de um comércio clandestino de bancas, foram criados alguns mecanismos para dificultar esse comércio. O artigo 16 da Lei nº 11.108, de 30 de abril de 2012 afirma:

É admitida a transferência da permissão de uso nos seguintes casos:

I – falecimento, desaparecimento, invalidez permanente ou fato que impossibilite o titular da permissão de exercer a atividade, passando os benefícios aos sucessores de direito, mediante:

- a) Comunicação do óbito ou invalidez, no prazo de trinta dias da ocorrência do fato, e apresentação de requerimento junto ao órgão gestor, solicitando a transferência da permissão;
- b) Atendimento de todas as exigências previstas na legislação municipal e federal para a obtenção da permissão de uso;
- c) Comprovação de que o sustento da família depende exclusivamente da atividade comercial explorada por meio da permissão;

II – através de decisão da Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento, quando o feirante comprovar o exercício da atividade pelo período de 24 (vinte e quatro) meses consecutivos, ficando condicionado à comprovação, pelo recebedor da matrícula, que preenche as condições para o recebimento da licença de funcionamento, devendo a Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento observar com rigor o seguinte:

- a) O feirante transmitente só poderá retornar às feiras livres depois de transcorridos 36(trinta e seis meses) da data da conclusão do processo de transferência;
- b) Resguardados os parágrafos e incisos que regulamentam a matéria deste artigo, poderá o secretário Municipal de Agropecuária e Abastecimento autorizar outras situações de transferências não previstas nesta lei, desde que o pleiteante se disponha a recolher junto aos cofres do município o equivalente a R\$ 390,00 (trezentos e noventa reais).

Parágrafo único. Consideram-se herdeiros do permissionário, para os fins previstos neste artigo, o cônjuge, filhos e companheiros, nos termos do disposto no § 3º do art. 226 da Constituição Federal. (UBERLÂNDIA, 2012, p.4)

O artigo transcrito foi criado para tentar conter algumas irregularidades na transferência das bancas. O comércio de bancas é uma delas. Com a valorização destas, muitos feirantes vendiam suas bancas no período de valorização e compravam outra por um valor menor, lucrando com esse comércio. O inciso II, em seus dois parágrafos, tenta acabar com esse comércio, tendo o feirante transmitente de comprovar o seu período de feirante por pelo menos 24 meses. E para retornar a essa atividade, deve esperar um prazo de 36 meses. Isso dificulta a comercialização das bancas, mas não soluciona o problema por completo.

O feirante que queira voltar para a feira num prazo menor que 36 meses poderá transferir a banca para o nome de outra pessoa de sua confiança e continuar trabalhando. A venda das bancas vai continuar, talvez não com tanta frequência, como forma de comércio lucrativo, mas quando as pessoas cansarem de suas atividades, ou não puderem prosseguir

com elas, por motivos administrativos ou pessoais, poderão vendê-las e procurar outra forma de sobrevivência para seguir.

Vai chegar um dia em que as pessoas que possuem mais de vinte anos de profissão, como é o caso de três de nossos entrevistados, não mais conseguirão continuar com seus negócios, e a venda das bancas para elas representará uma garantia no futuro. Temos que ter em mente que muitas pessoas que começam a trabalhar na feira não se adaptam ao seu ritmo, não conseguem administrar o dinheiro nem fazer clientela, pois, além da concorrência dos supermercados, existe a concorrência lado a lado, às vezes com feirantes mais experientes. Muitas vezes, essas pessoas, por falta de rendimento de suas atividades, são obrigadas a venderem suas bancas para tentarem outra forma de sobrevivência que se encaixe melhor em suas habilidades.

Não existe nenhum decreto que impeça completamente a transferência das bancas para terceiros. A alínea “b” do inciso II diz claramente que o secretário poderá autorizar transferências não previstas na lei. Nesse caso, são transferências para terceiros.

Nesse sentido, sabemos que os valores praticados nessas transferências continuarão. Afinal, quem irá entregar “de bandeja” um local de comércio ao qual a pessoa dedicou sua vida por mais de vinte anos? Esse é o caso de nossos entrevistados.

A Vigilância Sanitária e suas operações em estabelecimentos alimentícios representa uma das grandes preocupações para os feirantes. No dia 10 de abril de 2013, assistimos à Vigilância Sanitária, juntamente com o Ministério Público Estadual, fazer uma blitz no Mercado Municipal. Esses estabelecimentos são vistoriados e administrados pela mesma Secretaria dos feirantes. Nessa blitz, registrada pelo jornal *Correio de Uberlândia*, temos dados de produtos que foram apreendidos:

Mais de 430 kg de queijos, 620 pacotes de condimentos e outros 230 pacotes de doces foram apreendidos nesta quarta-feira (10), no Mercado Municipal de Uberlândia, durante uma operação do Ministério Público Estadual (MPE), em parceria com a Vigilância Sanitária de Minas Gerais. (LEMOS, 2013)

Os feirantes que trabalham com os produtos apreendidos são os que mais temem essa vigilância. No caso do queijo, ele deve ser comercializado embalado, com data de fabricação, validade, origem do produto e carimbo dos órgãos de vigilância. Esse produto deve sair da roça com essas informações, e embalado. Os vendedores de queijo reclamam que os produtores não têm capital para investirem nessas mudanças. De 30.000 produtores de queijo da região, apenas 200 estão cadastrados pelo Instituto Mineiro de Agropecuária – IMA, ou seja, apenas 0,1% estão regularizados de acordo com os padrões de exigência da Vigilância

Sanitária. Isso não significa que os queijos são produzidos sem higiene e sem controle de qualidade, mas que as exigências desses órgãos não são compatíveis com a realidade dos produtores. E que o governo, em vez de instruir os produtores a investirem nas mudanças, apenas fiscaliza, multa e apreende.

Há também a preocupação com a descaracterização da feira. A Secretaria de Agropecuária e Abastecimento, durante todo o mês de junho de 2013, promoveu cursos para a melhoria no manuseio de alimentos, higiene pessoal e dos materiais de trabalho. O curso se chama “Feira Modelo”, e é uma proposta da nova administração para tornar a feira de Uberlândia modelo para todo o País.

Estive presente na ocasião que reunia os queijeiros, doceiros e fabricantes de tempero. Uma de suas reclamações é em relação à descaracterização da feira, com a proibição da venda de ovos e frangos caipiras e queijos curados. São produtos característicos das feiras, e que foram proibidos devido ao critério da Vigilância Sanitária de todos os produtos serem obrigados a ter origem.

A outra reclamação é a falta de senso com relação à realidade das feiras. Muitas das exigências estão fora da realidade dos feirantes, como o resfriamento dos queijos e frangos, a rotulação de todos os produtos etc. Na percepção dos feirantes, com todas essas mudanças, as feiras passarão a ter as características dos supermercados da cidade.

E com todas essas exigências, eles não conseguirão manter seus preços abaixo dos grandes mercados, que têm capital para fazerem esses investimentos.

Essas mudanças são mal recebidas, não somente pelo investimento que os feirantes terão que fazer para se adequar, mas pela mudança que acarreta no seu modo de trabalho. Muitos estão acostumados a trabalhar de uma mesma forma há mais de vinte anos, como é o caso dos nossos entrevistados, e, na sua percepção, esse é um modo de trabalho que funciona. Todos que são questionados sobre esse assunto falam que sempre fizeram dessa forma e nunca ninguém morreu, e agora o governo quer que eles mudem. São falas que demonstram o incômodo com a interferência do governo de forma repentina e sem orientação.

Nem toda forma de fiscalização e orientação é mal recebida pelos feirantes, muitas tentativas da prefeitura de melhorar e orientar sobre o manuseio dos alimentos e a higiene pessoal e dos materiais de trabalho são bem recebidas por eles:

Em entrevista à Sra. Aparecida, questionei:

A questão de que na feira não tinha a legislação que tinha hoje, a regulamentação pela prefeitura, pela Secretaria de Abastecimento, começou quando a senhora já participava da feira. A senhora acha que isso, essa

regulamentação da feira e a questão do maior rigor com a questão dos alimentos, isso interfere na questão das vendas? Como você vê essa relação do poder público com o feirante? Ela interfere na feira livre? (Eduardo – entrevistador)

Aparecida responde:

Não só tem a melhorar, pra ter mais higiene, pra sabê procedimento de onde vema mercadoria, todas essas coisas acho que só tem a ganhar, com a higiene, limpeza. (Aparecida)

As medidas que ensinam os procedimentos de higiene e a manipulação dos alimentos são vistas com tolerância por ela, pois, a seu ver, esses procedimentos podem melhorar o padrão de higiene das feiras. Sabemos que as feiras de Uberlândia são bem recebidas pela população, basta irmos a uma feira no domingo, no Luizote de Freitas, no bairro Aparecida (Monsenhor Eduardo), no Morumbi, no Canãa, no Nossa Senhora das Graças, no Granada, no Shopping Park, no Planalto, no Morada Nova. Todas essas feiras ficam lotadas de moradores locais e de outros bairros próximos, que vão a elas para procurar menores preços e qualidade. Percebemos isso principalmente nas bancas de alimento: pastéis, temperos, queijos etc. São bancas que possuem um grau de higiene elevado. Claro que há exceções à regra, mas, na sua maioria, são bancas que fornecem um alto nível de qualidade. Esse alto nível está associado às políticas que a prefeitura exerce e aos modos de trabalho dos feirantes, que assimilam esses procedimentos e utilizam na realidade da feira. Feirantes que, como Aparecida, enxergam que essas políticas são para melhorar as feiras.

Mas nem todos concordam com essas políticas, principalmente com a fiscalização e atuação para coerção daqueles que estão fora do padrão. Existe uma luta entre as duas classes. A prefeitura, com a fiscalização, tenta condicionar os modos de trabalho dos feirantes para que se adaptem às exigências da Vigilância Sanitária, mas estes resistem a essas mudanças com a perspectiva de que elas descaracterizam a feira, como já foi mencionado.

As mudanças nas feiras acontecem muitas vezes para atender às exigências da Secretaria de Agropecuária e Abastecimento, para que os feirantes não sejam suplantados pela enorme concorrência, não somente dos supermercados, mas a que existe dentro da própria feira, já que, muitas vezes, o companheiro de trabalho do lado é um concorrente que apresenta uma forma de disputa no dia a dia para garantir a maior freguesia. Nesse sentido, muitas mudanças, como a comodidade dos clientes de pagarem no cartão de crédito ou débito, representam a tentativa dos feirantes de se adaptarem ao mercado e não ficarem para trás.

Há outra mudança que ainda é recente, mas que podemos observar, principalmente no trânsito das cidades. São as carretas puxadas pelas Kombis dos feirantes. Elas possuem seis metros de comprimento e 1,20 m de largura, com um eixo.

A grande vantagem desse veículo é que a mercadoria da banca fica posicionada em seu interior, havendo um sistema com um motor elétrico e polias que sobe a parte superior da banca automaticamente, diminuindo o tempo de montagem e desmontagem desta. Essas mudanças, que os feirantes realizam para não serem suplantados pela concorrência ou para facilitar o trabalho, de certa maneira também causam a descaracterização da feira, pois são práticas que não existiam antes e que foram adicionadas em virtude de necessidades que foram sendo geradas ao longo do tempo e que modificaram o trabalho e a forma de comércio.

O aumento da concorrência e as mudanças na cidade são os pontos que mais exemplificam as lutas e disputas que existem nesse ambiente. Luta pela sobrevivência, pelos seus modos de trabalho e de vida e pelo espaço na cidade. No começo deste ano, foi inaugurado o supermercado atacado e varejo Mart Minas, no bairro Santa Mônica, bem próximo à feira. Esta se encontra na Rua João Ângelo Schiavinato, próxima ao estádio João Havelange e ao Parque do Sabiá. O supermercado se encontra na Rua Cleone Cairo Gomes, n.º 777. Essa rua fica a apenas seis quadras acima da feira. Do local da feira é possível ver a portaria principal do hipermercado.

Os feirantes reclamam que, após a entrada do hipermercado, as vendas caíram pela metade. Nessa situação, e com a certeza de que não podem concorrer com ele, os feirantes fizeram um abaixo-assinado pedindo a rápida mudança da feira de local. O motivo não é somente a presença do Mart Minas, mas também a péssima localização da feira.

O abaixo-assinado foi acompanhado do local para o qual os feirantes querem que seja redirecionada a feira: o bairro Santa Mônica, na Rua Armando Tucci, entre a Avenida Segismundo Pereira e a Avenida Ana Godoy de Sousa. A escolha dos feirantes é fácil de ser compreendida. Se olharmos com atenção para o local, perceberemos que ele fica distante de grandes mercados, e que na primeira rua à direita há um condomínio residencial vertical bastante significativo na questão populacional. Isso demonstra a pressão que esses feirantes sofrem com as mudanças e principalmente com o aumento da cidade. E eles sabem que se ficarem parados ali serão engolidos sem piedade pelo progresso. Isso demonstra que somente a característica de tradição que foi atribuída à feira não garante a sobrevivência desses trabalhadores. Eles enfrentam uma disputa diária contra vários fatores, que já foram demonstrados, que crescem juntamente com o aumento da cidade e o avanço do progresso. Várias feiras no centro da cidade ou em bairros que estão sendo invadidos por grandes

supermercados estão desaparecendo. É o caso da feira do Alto Santa Mônica, mencionada acima, com o problema do Mart Minas, e da feira do Marta Helena, também sexta-feira à tarde, na Rua Bahia. Essas feiras e várias outras estão desaparecendo em razão do progresso da cidade e do aumento dos grandes supermercados. Feirantes abandonam essas feiras em virtude do enfraquecimento no movimento de consumidores.

O professor Paulo Roberto de Almeida, após ler meu texto até aqui, orientou-me a falar mais sobre os hábitos da feira, os frequentadores, o que procuram etc. Com a minha documentação e o meu convívio há mais de quinze anos dentro desse ambiente, esse é um assunto fácil de narrar.

As feiras, tanto matutinas quanto vespertinas, são compostas por frequentadores heterogêneos. Há pessoas que vão à feira apenas para lanchar de manhã ou no fim da tarde. As feiras de domingo, principalmente as feiras grandes e movimentadas, como a do Luizote de Freitas e do Monsenhor Eduardo, são frequentadas por muitas pessoas porque representam um passeio no domingo de manhã. Há pessoas que vão à feira procurar o que não encontram em supermercados, como queijo curado, temperos caseiros, farinha temperada, ovos caipiras. Esse é o caso do meu próprio orientador que, um dia, quando estávamos começando o projeto, disse que ia à feira do Saraiva, perto da sua casa, somente para buscar queijo na banca do Vicente.

Esses são hábitos vistos semanalmente na feira que não dependem somente do fator econômico, mas de características que só existem nesse local, como o rápido atendimento, a conversa com o feirante, que muitas vezes se torna um amigo, a busca por produtos que às vezes só se encontram na feira. E o feirante reconhece essas características, assimilando-as e elaborando nas suas falas a sua importância:

Em entrevista ao Sr. Danilo, perguntei:

Hoje você faz feira atrás de um grande supermercado, o Extra. O que você acha que mantém sua freguesia aqui, uma boa freguesia? (Eduardo – entrevistador)

Danilo respondeu:

A qualidade do produto, o atendimento, a organização da banca chama muito, e a pessoa que vem na feira, não compra verdura em supermercado, porque a qualidade da feira é diferente. E o cliente que é de feira, é de feira. Não adianta. O cara chega aqui e escolhe, o atendimento é rápido, não tem que pegar a fila pra pagar, não tem que pegar a fila pra sabê, pra ser atendido. Não tem. É muito diferente. (Danilo)

Porém havia algo que não conseguia compreender. Por exemplo, em alguns meses, mesmo no começo deles, período em que as feiras normalmente ficavam cheias, elas estavam vazias, sem movimento, principalmente as bancas de verduras. Um dia, conversando com um amigo de feira, sem entrevista, numa conversa casual, comentei com ele que as feiras estavam paradas, mesmo sendo começo de mês, e ele me respondeu que era porque as verduras estavam com preços baixos.

Não entendi seu raciocínio e perguntei o que isso significava. Ele me respondeu que quando as verduras estão com o preço baixo e a colheita em alta, os supermercados e sacolões têm verdura boa e com preço baixo, e assim as pessoas que fazem compras por mês ou por semana em supermercados aproveitam os preços baixos destes e compram por lá mesmo. E ainda, para completar o seu raciocínio, ele falou que, quando as verduras estão caras, ou com má qualidade em razão do clima, as pessoas correm para a feira, em virtude do maior número de oferta de preço e qualidade. Foi o caso do tomate no começo deste ano, que foi notícia até nos jornais de alcance nacional.

Mesmo com os preços em alta, as feiras ficaram lotadas, por causa do número de pessoas que iam pesquisar preços. Consequentemente, essas pessoas acabavam comprando outros produtos que não estavam em seus planos iniciais.

Percebam como essa pessoa, com base em sua experiência de anos, assimilou e interpretou a sua realidade, demonstrando uma característica que, dentro de minha pesquisa, não consegui perceber, talvez por falta de documentação, ou por falta de atenção. Por isso não podemos desprezar a interpretação que esses próprios sujeitos sociais fazem de sua realidade e de seu espaço de trabalho.

Atualmente, as novas feiras são montadas em horário vespertino, e não mais em horário matutino, graças à mudança de hábito da sociedade, principalmente das mulheres, e por causa do horário de trabalho. As novas feiras são montadas em bairros novos e afastados, e a grande maioria dos moradores desses bairros que têm condição de consumo trabalha fora dali. Eles saem cedo, não voltam para o almoço em razão da distância, e voltam quase ao anoitecer. As feiras à tarde, como se verificou na tabela de horários, atendem melhor a esses consumidores, que têm a alternativa de fazer a feira à noite, após o trabalho.

Há muitos elementos nas feiras de Uberlândia que necessitam de nossa atenção. Esse objeto de pesquisa possui 62 pontos espalhados pela cidade, cada um com suas características que atendem às necessidades locais. Muitos aspectos não foram abordados nessa monografia, mas devem ser levados em consideração em trabalhos futuros, como, por exemplo, os frequentadores dessas feiras, os moradores das ruas onde são instaladas, a violência, novas

perspectivas sobre os feirantes, pois, com certeza, este trabalho não dará conta de todas elas, nem de como mendigos, ambulantes, políticos na época de eleição etc. modificam esse local. Analisando esses elementos sem desvinculá-los dos aspectos do tempo e espaço onde estão inseridos, poderemos entender melhor como esses sujeitos enxergam sua própria realidade, e também entender melhor aspectos da cidade de Uberlândia.

2. SER FEIRANTE: O SONHO E A SOBREVIVÊNCIA

Quando caminhamos por uma feira no domingo, para lazer ou consumo, não nos atentamos que por trás de cada banca existem diferentes trajetórias de vida, modos de trabalho e de sociabilidade.

O objetivo deste capítulo é discutir e evidenciar essas diferenças e, por meio das entrevistas, analisar como essas pessoas conseguem criar cotidianamente modos de trabalho que garantem a sua sobrevivência e mantêm aceso o sonho de melhorar de vida.

Para tanto, lançamos mão das entrevistas com diferentes sujeitos que narraram o início de sua trajetória e os desafios do presente. Durante a análise dessas narrativas, nos aproximamos de um universo que vai além do ato de comercializar na feira. Existe uma grande luta cotidiana entre feirantes, poder público, progresso da cidade, clientes que fazem da feira algo dinâmico, que acompanha as mudanças do município. Durante este capítulo, perceberemos que a tradição e a cultura de ir à feira não são algo inato nas pessoas da cidade, mas algo construído cotidianamente pelos feirantes e pela sociedade.

Nas entrevistas, tentamos entender por que esses sujeitos começaram a trabalhar na feira e quais eram suas perspectivas ao entrarem nessa nova forma de vida. Então perguntamos em todas as entrevistas quais eram os objetivos dos feirantes ao iniciarem essa carreira, e todas as respostas, quando não diretamente, eram indiretamente relacionadas a ideia de sair da condição de empregado. Essa perspectiva se frustra com algo que já discutimos no primeiro capítulo, a relação com o poder público.

O sonho de deixar a vida de empregado e de ser proprietário de seu próprio comércio pode nos levar ao engano de considerar que a luta desses sujeitos acabou, porém, durante a narrativa, percebemos que a luta pela sobrevivência ainda continua para esses sujeitos, contudo, com a perspectiva de melhorar de vida com a condição de proprietário.

Quando questionado quanto ao seu desejo de deixar de ser empregado, Danilo afirma:

É. A gente sempre quer alguma coisa a mais, né, não adianta. Salário num, salário tem um serviço que, chega num certo ponto ele não aumenta mais, o salário, fica aquilo lá. Entendeu? (Danilo)

Esse rapaz, que na época em que o entrevistei tinha apenas 23 anos, vendeu sua casa em Patrocínio para alcançar esse objetivo. Um objetivo que, aos nossos olhos, parece uma forma de se incorporar ao sistema com a ideia de virar patrão, de sair da condição de assalariado. Ele deixou toda a sua família e se mudou com sua esposa para uma cidade que

não conhecia para trabalhar em um ramo em que nunca trabalhou. Não podemos considerar isso apenas uma incorporação ao sistema, pois, na sua perspectiva, suas conquistas eram para garantir a sobrevivência de sua família de uma forma diferente da que conhecia até então.

No momento em que fiz a entrevista trabalhavam somente ele e sua esposa, sem mais nenhum funcionário. Suas obrigações de feirante eram realizadas somente com a ajuda de sua esposa. Nesse sentido, ele não pode ser considerado um patrão ou um burguês, não existem funcionários sob o seu comando, ele não é dono dos meios de produção e não pratica a mais valia. Trata-se de um modo de trabalho familiar, que tem como objetivo manter a família, sem os limites proporcionados pelo salário mínimo.

Os modos de trabalho que podem ser observados por esse casal, que luta pela sobrevivência por meio da realização do sonho de sair da condição de empregado, são extremamente exaustivos. Eles fazem seis feiras por semana. Levando-se em consideração o capítulo IV do Decreto nº 7.961, de 1999, artigo 27, cada feira possui uma média de sete horas de duração, de acordo com a tabela:

Tabela 1. Horário de funcionamento da feira livre de Uberlândia

Período/horário	Montagem	Funcionamento	Desmontagem
Terça à sexta-feira	Matutino: 6h Vespertino: 14h30min	Matutino: 7h30min às 11h30min Vespertino: 15h30min às 19h30min	Matutino: 13h30min Vespertino: 20h30min
Sábado	Matutino: 5h30min Vespertino: 14h30min	Matutino: 7h às 12h Vespertino: 15h30min às 19h30min	Matutino: até às 14h Vespertino: até às 20h30min
Domingo	Matutino: 5h30min	Matutino: 6h30min às 12h	Matutino: até as 14h

Fonte: Capítulo IV do Decreto nº 7.961, de 1999

Porém, se analisarmos na prática, o tempo de duração de uma feira é muito maior. Se formos à Avenida Monsenhor Eduardo no domingo, às 05h30min, poderemos observar vários feirantes com suas barracas armadas. E se observarmos feiras noturnas, principalmente em bairros mais afastados, como o Morumbi, poderemos perceber que elas passam das 21h30min.

Essa tabela representa a normatização do horário dos feirantes, porém, se eles não adaptarem seus modos de trabalho às novas necessidades dos consumidores, se eles não começarem a montar suas bancas aos domingos antes das 05h30min, principalmente as bancas de verduras e frutas, que dão mais trabalho para montar, e a de pastéis, que atendem as pessoas que saem das festas e vão para as feiras matarem a fome, eles não terão o diferencial que permite que eles sobrevivam no meio de tanta concorrência.

Se formos a uma feira no Morumbi, na quarta-feira à tarde, antes das 18h, veremos uma grande ausência de compradores. Na hora pensaremos: como esses feirantes sobrevivem? Mas, se formos depois das 19h, veremos um grande movimento, muitos com o uniforme de seu serviço, o que significa que a maioria dos compradores que frequentam aquela feira do seu bairro só consegue ir até ela depois de chegarem do seu serviço, que muitas vezes é em outro bairro ou no centro da cidade. Se o feirante seguir à risca o horário determinado pela prefeitura, seu deslocamento até aquele bairro para fazer boas vendas será em vão.

Somente com a interpretação dos horários oficiais imposto pela fiscalização, e observando a resistência dos feirantes a essas normas, podemos entender como a pressão real da necessidade de atingir o consumidor faz com que eles enfrentem essas normas e criem novos modos de trabalho, que se enquadram às suas necessidades.

A feira é somente uma pequena parcela de seu trabalho. Em virtude do fato de seus produtos serem extremamente perecíveis, principalmente as hortaliças, que não podem ser comercializadas em mais de uma feira, os feirantes precisam passar por um período de compra e preparação de mercadorias para cada feira. O pior de toda essa situação é que não são os produtores desses produtos. Dessa forma, eles ficam dependentes de seus fornecedores, que boa parte do ano, principalmente no período de chuvas, não fazem uma boa colheita dessas hortaliças. A feira proporciona para o casal em questão a tentativa de superar problemas financeiros e até mesmo de escolaridade, pois eles só possuem o segundo grau em uma cidade que paga extremamente mal, e na sua interpretação, com base na sua experiência como assalariado:

Salário tem um serviço que, chega num certo ponto ele não aumenta mais.
(Danilo)

Nesse sentido, a feira representa para esse casal a saída de uma condição de incômodo, de chegar a certo ponto de suas vidas com as mesmas dificuldades do passado. A luta deles não é contra alguma coisa, mas significa a tentativa de sobreviver a uma situação que eles interpretam como prejudicial às suas vidas.

O começo na feira foi uma questão que permeou todas as entrevistas. Essa questão pode nos ajudar a entender melhor o que a feira representa para esses sujeitos, pois todas as repostas dos entrevistados estão carregadas dos mesmos sentidos: ter um trabalho e sair da vida de empregado. Não estou dizendo que todas as repostas eram iguais, mas todas caminhavam para esses mesmos significados.

Quando a Sra. Aparecida foi questionada acerca do que representava a feira para ela no início, sua resposta foi bem clara e objetiva. Ao perguntar o motivo pelo qual ela entrou para a feira livre de Uberlândia, sua resposta remeteu à necessidade de trabalhar e sua única perspectiva de vida era trabalhar para sobreviver.

Essas repostas não remetem somente ao período que estou perguntando. Mas toda a sua trajetória de vida até aquele momento está representada nessas repostas.

No início da entrevista, eu havia feito algumas perguntas sobre sua vinda para Uberlândia. Ela afirmou que nasceu em Goiânia, tendo vindo para Uberlândia aos onze anos para trabalhar.

O sentido da feira como um trabalho e como um modo de sobrevivência representava a solução para sua vinda a Uberlândia. Sua resposta sobre o sentido da feira no seu início está carregada de suas experiências pessoais sobre um passado de pobreza e dificuldade.

Muitas vezes, em conversas cotidianas com a dona Aparecida, ela falou sobre as dificuldades que passou em Goiânia e no início da feira. Essas narrativas sempre estavam carregadas de histórias de sofrimento, pobreza e de sua luta pessoal pela sobrevivência. Quando foi feita a pergunta sobre as dificuldades no início de sua carreira na feira, a resposta me deixou frustrado, e até mesmo decepcionado:

Não foi nada difícil. Não vejo nada difícil, Eduardo (risos). Deu trabalho, mais não foi difícil. Eu não tinha, não enxergava como era agora.
(Aparecida)

Sua resposta não tinha nenhuma narrativa de sofrimento ou de dificuldade. Muito pelo contrário, ela nega qualquer tipo de dificuldade no início do trabalho na feira. Foi difícil de entender sua resposta, pois sempre que ela falava sobre esse assunto, sua narrativa demonstrava dificuldades e lutas pessoais.

Quando analisei sua entrevista completa com mais tranquilidade, percebi que sua resposta representava a superação do período anterior à sua entrada na feira. A feira representa isso na sua memória, a superação por meio do trabalho.

Não estou sugerindo que suas memórias sobre o início na feira tenham desaparecido, ou que não houve dificuldades nesse período. Suas respostas representam a interpretação que ela faz de suas experiências cotidianas, que são elaboradas e que a cada momento adquirem novos sentidos para a sua vida. Se fizermos as mesmas perguntas em outro momento, as respostas talvez não sejam as mesmas. Em uma entrevista, não podemos ter como perspectiva que as respostas dos entrevistados não são elaboradas e pensadas antes de ser sociabilizadas. São elas que dão sentido à trajetória de vida de determinada pessoa. A minha preocupação em conseguir uma entrevista com minha mãe carregada de emoção e melancolia foi um erro, pois, naquele momento, as memórias que ela narrava para os seus filhos, de superação e trabalho para motivá-los a trabalharem juntos na feira, não tinham o mesmo sentido que ela queria transmitir no momento da entrevista.

Depois das respostas da Sra. Aparecida sobre o sentido de ter entrado na feira, mencionadas acima, o Sr. José Carlos respondeu às mesmas perguntas. Suas respostas mostram a dificuldade de começar na feira, e o motivo para ele e sua esposa ter começado naquele emprego:

Não é, ela entrou na feira foi pra me ajudar, porque eu ganhava muito pouco na mecânica Schiavinato, eu era torneiro, e ela entrou pra me ajudar, aí depois ela correu atrás do sindicato dos feirantes, que tinha um ponto de banca de bijuteria, e ela achou que seria interessante ela vendê calcinha, bijuteria e essas coisas. Aí ela entrô e, pra me ajudá, mas ela começou com um carrinho de mão. (José Carlos)

Sua resposta mostra a dificuldade no começo, e como eles tiveram que criar alternativas para vencer as dificuldades, mas também demonstra uma alternativa para a sobrevivência do casal, uma forma de suprir a renda da família. Essa resposta não foge ao significado do início da feira para Aparecida, o sentido aqui também é a sobrevivência, por meio do trabalho, mas as lembranças das dificuldades estão presentes na memória do Sr. José Carlos. Talvez essa apresentação das dificuldades seja uma maneira de demonstrar que as coisas nem sempre foram como são no presente, que o que vemos hoje teve um longo caminho de superação e persistência, que faz parte de sua trajetória.

Quando perguntei quando ele começou realmente a trabalhar na feira, sua resposta foi marcante:

Certo, e depois, José Carlos, que você resolveu entrar na feira, foi porque você viu que era uma fonte melhor de renda para ganhar dinheiro, ou era só a questão de trabalho mesmo? (Eduardo – entrevistador)

José Carlos responde:

Não, foi porque foi é insistência da sua mãe pra mim mudar de trabalho, e trabalhá com ela, porque eu trabalhava em dois trabalho, eu trabalhava na... (choro). (José Carlos)

No meio da resposta ele começou a chorar, e não conseguiu mais continuar. Mas deixou claro que foi por insistência de sua esposa. Os dois trabalhos a que ele se refere são a indústria “Schiavinato”, que fica em frente à rodoviária da cidade, e uma pequena oficina em que era sócio de um amigo, que se chamava “Uberodas”, mas que fechou com o término da sociedade.

As manifestações que ocorreram durante a entrevista também devem ser observadas e levadas em consideração pelo historiador, pois representam uma demonstração de sentimento por algo marcante que ocorreu na vida da pessoa. No caso do Sr. José Carlos, fica claro que a feira representa a superação de um período de dificuldades, pois ele trabalhava em dois empregos para conseguir manter a sobrevivência de sua família, que na época era composta por sua esposa e dois filhos.

Essa insistência que ele menciona de sua esposa pode ter a ver com a rotina diferente que os dois enfrentavam, pois, como foi dito, ele trabalhava em dois serviços com carteira assinada, cumprindo uma jornada de trabalho rigorosa durante a semana. Não temos a informação de quantas feiras ela fazia no início de sua carreira. Durante a entrevista não me dei conta de que essa pergunta seria importante para algumas interpretações, porém, mesmo sem essa informação, sabemos que ela tinha feiras no meio e nos finais de semana. Podemos imaginar, sem nenhuma forma de preconceito de gênero, ou acreditando que a mulher é um sexo frágil, que a feira, até mesmo para um homem, é um serviço muito pesado para ser encarado sozinho. E para ele seria quase impossível enfrentar uma jornada de dois empregos na indústria e nos finais de semana ainda ajudar sua esposa.

Quando o Sr. José Carlos engasgou com seu choro e não conseguiu mais dar a resposta, a esposa completou dizendo que era para os dois trabalharem juntos, pois enquanto um estava trabalhando no fim de semana, o outro estava descansando de sua rotina no meio de semana.

Era porque sábado e domingo eu tinha que ficá na feira e ele ficava em casa, e era pra todo mundo trabalhá junto. E ganhava mais. E pra ficá junto, se não um ficava em casa no final de semana e outro não. (Aparecida)

Percebam que a entrada de um membro da família na feira mudou a rotina, o modo de vida com que eles estavam acostumados, pois, antes de Dona Aparecida começar a trabalhar na feira, certamente eles possuíam uma jornada de trabalho sincronizada, com os finais de semana de folga, mesmo que não tivessem acesso ao lazer, mas pelo menos ficavam juntos. Porém, com a entrada dela na feira, essa rotina foi quebrada, o que modificou suas práticas como casal. Podemos imaginar como deve ter sido exaustivo para os dois. Um com dois serviços, e ela com um serviço pesado para uma pessoa sozinha. E claro que tem a questão de ganhar mais, talvez trabalhando menos, pois na feira os dois poderiam ajudar um ao outro e, como ela mesmo disse, ganhando mais. Percebam que, no desenvolver de sua trajetória, eles compuseram uma forma de trabalho familiar com o objetivo de sair da condição de empregado e da dependência do salário mínimo.

Os modos de trabalho dos feirantes são determinados pelo seu ramo, pois, de acordo com os produtos que eles vendem, sua rotina para conseguir produzir ou comprar esses produtos será determinada. O ramo de comercialização dos feirantes também é determinado pela legislação da prefeitura. O permissionário comercializa somente os produtos determinados pela prefeitura, se o proprietário for pego comercializando produtos que não estão no seu rol de comercialização, poderá ser advertido e até mesmo multado de acordo com o artigo 38 da lei 10.702, de março de 2011, alterada pela Lei nº 11.108, de 30 de abril de 2012 : “Todo Permissionário deverá comercializar apenas mercadorias constantes no grupo de atividade para o qual recebeu permissão, conforme declaração especificada no Artigo 26 desta lei” (UBERLÂNDIA, ano 2012, p.11). Para entender melhor como a determinação da linha de comercialização que o feirante deve seguir proporciona diferentes modos de trabalho, temos que analisar a legislação e compreender como os feirantes reagem a ela elaborando maneiras de sobreviver à concorrência e ao mercado:

O artigo 26 da mesma lei diz “as barracas e bancas a serem utilizadas nas feiras livres terão a metragem necessária e serão estabelecidas de acordo com os produtos a serem comercializados, devidos nos seguintes grupos de atividades” (UBERLÂNDIA, ano 2012, p.7).

Tabela 2. Metragem e itens permitidos na feira livre de Uberlândia

Grupos	Metragem	Itens
Grupo I	18x03m	Frutas em geral; verduras e frutas de caixa em geral; folhas em geral.
Grupo II	06x03m	Caldo de cana; melado; rapadura; água de coco; sucos em geral.
Grupo III	06x03m	Produtos naturais; raízes; plantas e produtos medicinais; mel e derivados.
Grupo IV	08x03m	Doces a granel e em pacotes; geleias e queijos.
Grupo V	08x03m	Sorvetes; balas; chicletes; chocolates.
Grupo VI	06x03m	Pescados em geral.
Grupo VII	12x03m	Pastéis em geral; salgados; sucos e refrigerantes.
Grupo VIII	10x03m	Quitandas; tortas doces e salgados; crepes; bolos; pães; sanduíches; cafés; leites; bebidas; achocolatados; chás; sucos e refrigerantes; salgados em geral (exceto pastéis)
Grupo IX	10x03m	Produtos de armazém em geral; higiene; enlatados; óleos; biscoitos e bolachas; balas; doces empacotados e rotulados; cereais; farinhas; ovos; queijos; frios em geral; frangos abatidos; frango assado; temperos e condimentos.
Grupo X	10x03m	Armarinhos; bijuterias; brinquedos; artigos de decoração; roupas; calçados; acessórios; utilidades domésticas; ferramentas; artigos de pesca e artesanato.

Fonte: Art. 26 Lei Nº 10.702, de março de 2011, alterada pela Lei nº 11.108, de 30 de abril de 2012 p.7, 8 e 9.

Esses são os grupos que compõem a feira e os produtos que eles podem vender. Como podemos observar, existe uma variedade muito grande de opções de mercadorias que podem ser comercializadas na feira, porém, na prática, se observarmos, veremos que muitos grupos estão para desaparecer, ou desapareceram. É o caso do Grupo IX. Nesse grupo, não vemos

mais produtos de armazém serem comercializados em suas bancas, o que vemos em todas são produtos a granel, como farinha, ovos, temperos e queijos. Não vemos mais enlatados, bolachas, balas e biscoitos nas barracas, quando vemos, esses produtos servem mais para enfeite. O que podemos observar é uma pressão do mercado e da concorrência, que faz os grupos focarem em alguns produtos. Por exemplo, a banca do queijeiro Adenilton; sua banca só comercializa queijo, ele não comercializa nenhum outro tipo de produto, sendo que o Grupo IX pode comercializar 16 classificações de mercadorias diferentes. Essas mudanças na forma de comercializar os produtos é reflexo do aumento da concorrência e da falta de procura por determinados produtos na feira. São mudanças na forma de trabalhar geradas por pressões do mercado que são assimiladas nas experiências desses comerciantes. Algumas décadas atrás até poderíamos imaginar as pessoas indo à feira e comprando enlatados, balas, ferramentas, artigos para pesca, armarinhos e outras coisas, porém, com a existência do mercado atual, onde a maioria das pessoas faz compras mensais, como o Bretas ou outro hipermercado de sua preferência, e com a opção de usar o cartão de crédito com quarenta dias para pagar, temos que ter em mente que essas mudanças criaram novas formas de trabalho, e de consumo também.

Em uma das falas de Adenilton, essa alteração feita pelo mercado que cria novas práticas de trabalho e de consumo nas feiras fica evidente:

O que você acha que mudou? É a cidade que não vende como antigamente? Você acha que o que mudou foi a cidade de Uberlândia ou o problema é mais geral? (Eduardo – entrevistador)

Adenilton responde:

Não é mais geral, porque, como na década de 80 não tinha tanto sacolão como tem hoje, os supermercados não tinha sessão de sacolão lá dentro, hoje todos os supermercado tem sacolão lá dentro, e tem vários sacolão e tem feiras em todos os bairros. E então a quantidade de oferta hoje é muito maior. Aí por isso que caiu a venda, que dividiu mais, a quantidade de gente trabalhando, e mais que era antes. (Adenilton)

A questão de os supermercados terem aderido à seção de hortifrutigranjeiros a partir da década de 90 remete ao fato que, antes das Centrais Estaduais de Abastecimento – CEASA, essas mercadorias eram comercializadas pelos próprios produtores, que vinham à cidade para vender sua colheita, ou por atravessadores, que a buscavam a nas roças próximas do município e comercializavam nas feiras da cidade. Com a entrada da CEASA, essas práticas mudaram, a figura do feirante produtor quase desapareceu, a maioria dos produtores

passaram a escoar suas mercadorias por meio da CEASA, que funciona como um ponto fixo de comércio entre os produtores e os comerciantes. Com isso surgiram vários sacolões na cidade e as seções de hortifrutigranjeiros nos supermercados. Temos que perceber que essas mudanças criaram novas práticas, não somente na feira, mas na vida do produtor, do consumidor. Novos sujeitos apareceram em cena, comerciantes que não são produtores, que criam relações de trabalho com os produtores por meio da CEASA. Esses produtores, que antes vendiam diretamente para o consumidor, agora precisam vender para um atravessador no atacado, mudando completamente o planejamento na sua produção. Os grandes supermercados entraram nas periferias. Basta acompanharmos o crescimento do Bretas na cidade, que começou com uma loja no centro e agora possui nove lojas espalhadas em bairros como Tubalina, Luizote, São Jorge. São bairros afastados do centro da cidade, que antes da entrada dessa grande rede de supermercados tinham como opção os pequenos mercados, os sacolões e as feiras. A entrada da concorrência nos bairros faz com que muitos feirantes busquem novas alternativas para sobreviver, como é o caso do Sr. José Carlos, que foi para as cidades vizinhas praticar seu comércio, ou o caso do queijeiro Adenilton, que começou com quatro feiras e hoje só faz duas. Quando questionado sobre quantas feiras fazia quando começou, ele responde:

Eu fazia quinta, sexta, sábado e domingo. Agora hoje eu faço só sábado e domingo, porque a de quinta e sexta, não é compensativo se eu ficá o dia todo por causa dessas duas feiras. Porque é, o volume que eu vou vendê é muito pequeno, então, se eu ficá, se eu ficá cuidando de outra coisa é mais conveniente pra mim, que o tempo já se torna curto. (Adenilton)

A concorrência não se faz somente com os supermercados, como foi observado por Adenilton na sua fala anterior. Aumentou também a quantidade de feiras na cidade, e ainda a quantidade de feirantes. Quando ele começou, na década de 80, a feira também se centralizava na cidade, as feiras periféricas surgiram em um intervalo de vinte anos até o momento, porém, na atualidade, bairros recém-formados, como o Jardim Célia, já possuem feira toda sexta-feira. Nesse sentido, a feira ainda funciona como um mecanismo para suprir o abastecimento inicial de bairros que não contam com outras formas de abastecimento local.

Quando perguntamos sobre a questão da concorrência nas entrevistas, em todas elas os entrevistados responderam identificando o aumento no número de supermercados, sacolões e feiras. Esse aumento na concorrência é um movimento que eles percebem no seu cotidiano, juntamente com o aumento da cidade. O interessante, nesse ponto, é perceber como eles citam características que são da feira para enumerá-las como qualidades que só encontram nelas.

Quando perguntei ao Sr. José Carlos:

Sr. José Carlos, com a mudança da estrutura da cidade e a entrada do Bretas, que é um supermercado de grande importância, de grande porte, o senhor acha que essa mudança na estrutura da cidade afeta vocês feirantes diretamente? (Eduardo – entrevistador)

A resposta foi:

Afeta mais depois que inaugura cada supermercado perto de uma feira, o pessoal fica empolgado, mais depois volta pra feira porque a feira é uma tradição, é o povo, o povo que gosta da feira, vai à feira, porque tem é conversa com o feirante, é amigo de todo mundo, todo mundo conversa, e o pessoal que compra em feira, compra na feira, e tem ele também, também compra no supermercado, então a concorrência é grande, mais a feira vai sobrevivendo, porque é uma tradição. (José Carlos)

A questão da empolgação inaugural com a criação de um supermercado, que o Sr. José Carlos cita no início de sua resposta, está ligada ao fato que, em todas as inaugurações, são feitas promoções de produtos essenciais para o dia a dia do consumidor. Essas promoções geralmente duram uma semana, e realmente, nessa semana inaugural, os supermercados ficam lotados. Essa é uma estratégia que funciona, pois a maioria dos consumidores, tanto da feira quanto dos supermercados, tem uma renda fixa por mês, e toda forma de fazer essa renda durar mais durante o mês é válida.

Porém, essa semana promocional logo acaba, e como disse o Sr. José Carlos, a empolgação também. Não estamos aqui para desmentir o entrevistado, ou achar que nossa capacidade de interpretação é maior do que a dele, muito pelo contrário, o que vemos nas respostas é uma grande capacidade de interpretar os seus modos de vida e de trabalho e, com base nessa interpretação, criar modos de valorizar o seu local de sobrevivência por meio de termos e conceitos, que eles sabem que no cotidiano é algo que está enraizado na sociedade, como a tradição, citada duas vezes na resposta do Sr. José Carlos.

Se fizermos uma análise da comparação de preços entre supermercados e feira, perceberemos que a feira, principalmente no que diz respeito a produtos essenciais, verduras, ovos e frutas, possui uma média melhor de preços baixos. Não é necessário ser economista para perceber isso. Vou dar alguns exemplos: na quaresma deste ano, a média dos ovos em supermercados variava entre R\$ 4,00 e R\$ 6,00 a dúzia, enquanto na feira estava em média de R\$ 3,40 a R\$ 4,00 reais a mesma quantidade. Se observarmos a forma de vender verdura dos feirantes, perceberemos que sua estratégia para ganhar no preço é a de vender seus produtos misturados com um preço único. Dessa forma, eles conseguem criar uma média de lucro

misturando produtos caros e baratos, o que aos olhos do consumidor é compensativo. Já no supermercado, os produtos são vendidos separadamente, cada um com seu preço. É claro que os supermercados também têm suas maneiras de atrair os consumidores, criando dias de promoções nos produtos hortifrutigranjeiros. Essa é uma fatia de consumidores disputada diariamente. Quando perguntamos para o Danilo como ele conseguia manter sua freguesia numa feira atrás do supermercado Extra, ele foi categórico em levantar pontos positivos do seu local de trabalho:

A qualidade do produto, o atendimento, a organização da banca chama muito, e a pessoa que vem na feira, não compra verdura em supermercado, porque a qualidade da feira é diferente. E o cliente que é de feira, é de feira. Não adianta. O cara chega aqui e escolhe, o atendimento é rápido, não tem que pegar a fila pra pagar, não tem que pegar a fila pra, sabe, pra ser atendido. Não tem. É muito diferente. (Danilo)

Todas essas características citadas por ele são pontos positivos que se desenvolveram na feira e que satisfazem a expectativa do consumidor em suas compras semanais. Mas, se formos analisar, existe algo concreto que faz o consumidor ir à feira e não ao supermercado, algo que está ligado ao seu modo de vida, que determina grande parte das suas escolhas: o salário. Um trabalhador não vai à feira fazer suas compras toda semana, se compensar mais ir ao supermercado. Sua renda familiar é algo determinante em sua vida, não estou dizendo que é o único determinante, porém suas experiências de vida cotidianas demonstram que aquela renda mensal é determinante para a sua sobrevivência. É claro que as questões da qualidade, do atendimento também estão presentes nessa escolha, e são fatores importantes, entretanto, a questão do custo de se comprar na feira está extremamente relacionada com as condições reais do consumidor.

Falar que a feira faz parte da tradição da cidade de Uberlândia, afirmar que faz parte da cultura uberlandense os seus cidadãos irem à feira toda semana, que é algo que está determinado, simplesmente por ser algo cultural, me parece um tanto perigoso. Como vimos nas respostas dos entrevistados, eles percebem, com base na interpretação do seu cotidiano, que é necessário criar modos de trabalho que façam com que as pessoas continuem a ir à feira para fazer suas compras. E essas formas de trabalho, que não são inatas à feira, são julgadas por eles como aquilo que faz com que os frequentadores continuem a frequentá-la toda semana. A fala do jovem feirante Danilo representa a certeza de que existem modos de trabalho na feira, além do fato da questão de o preço ser fundamental, para que ela continue a atrair seus consumidores:

E o cliente que é de feira, é de feira. Não adianta. (Danilo)

Nesse sentido, não podemos considerar a feira como algo estático e acabado, os feirantes, que são alguns dos sujeitos que compõem esse ambiente, possuem aspirações e ambições que estão extremamente ligadas às suas condições materiais e ao lugar em que vivem. A feira livre tem um processo dinâmico que acompanha as mudanças da cidade. Dessa forma, uma de nossas perspectivas na interpretação das falas dos feirantes foi a de ficarmos atentos a essa dinâmica, sem cair no engano de encarar a feira como uma tradição estática e arraigada na sociedade uberlandense. Pensar dessa maneira seria, na minha avaliação, uma forma de desvalorizar a capacidade desses trabalhadores de criar e renovar suas formas de trabalho. Os feirantes, como foi demonstrado em suas falas, estão atentos aos problemas que enfrentam com o crescimento da cidade e, com o progresso, criam novas maneiras de vencer diariamente a concorrência, que cresce juntamente com aquele.

Neste capítulo, tentamos demonstrar, dentro do limite das nossas entrevistas, o cotidiano do feirante, com a proposta de elucidar o fato de que esses sujeitos estão a cada dia criando novas formas de trabalho que acompanham as mudanças na cidade e o aumento da concorrência. Sendo assim, a nossa principal preocupação foi a de não olhar para esse espaço de sociabilidade e de luta pela sobrevivência como algo tradicional e estático, como se não houvesse um começo. Queremos lembrar que a feira teve um começo em nossa cidade, aproximadamente na década de 60, quando os pequenos produtores da região vinham para a cidade para comercializar sua produção. Não devemos nos esquecer de que cada feirante também teve o seu início, e que este foi marcado por um processo de adaptação e luta para que se adequassem a esse ambiente de trabalho, e que muitos feirantes, todos os anos, começam e desistem de seu comércio por não conseguirem acompanhar as mudanças no seu ambiente de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos permitiu entender melhor o espaço da feira livre de Uberlândia, com a tentativa de analisar, com base nos decretos, a parte burocrática desse espaço público de sociabilidade e comércio. E com base na análise das entrevistas foi possível entender como os sujeitos sociais que compõem esses espaços elaboram práticas que permitem diariamente a manutenção de seus sonhos e a busca pela sobrevivência, e como eles interpretam e socializam essas práticas.

Essa lógica não surgiu e permaneceu desde o começo do projeto, mas se desenvolveu por meio das pesquisas, das entrevistas, das análises das entrevistas, e até mesmo na hora da escrita. Por isso, desenvolvemos a narrativa em dois capítulos, para organizar melhor esse desenvolvimento.

O primeiro capítulo tratou da parte burocrática desse espaço público, e de sua organização orquestrada pela prefeitura e suas secretarias. Porém, ao lê-lo fica evidente que não deixamos de demonstrar como essa burocratização afeta a vida desses trabalhadores, e como eles interpretam essa interferência no seu dia a dia.

A legislação que compõe a fiscalização desses espaços e desses trabalhadores é extensa e está em constante mudança e adaptação, principalmente no que se refere aos requisitos de higienização e de organização das feiras. Esse tema e vários outros possibilitam estudos riquíssimos de como a burocratização do espaço de trabalho desses sujeitos afeta suas rotinas, e como eles recebem essas mudanças.

Analisamos também o problema da concorrência enfrentado por algumas feiras, principalmente as do centro da cidade.

Narramos as tentativas desses sujeitos de enfrentar essa concorrência, como no caso da feira do bairro Santa Mônica, e a tentativa de mudança de local dessa feira por parte dos feirantes e como estes enxergam suas principais características de trabalho como forma de resistência a essa concorrência. Esse é um assunto que merece nossa atenção, pois não afeta somente esses trabalhadores, mas pequenos comerciantes que não conseguem concorrer com esses gigantes do atacado e do varejo, que entram na cidade blindados com o discurso do progresso.

Sei que é difícil para o historiador fazer previsões, como demonstrou o professor (1998) em seu livro *Sobre história: ensaios*, mas esse fenômeno é claramente visível. Se olharmos em volta, notaremos o surgimento de vários supermercados anualmente na cidade de Uberlândia. E se analisarmos feiras como a do Marta Helena, que já foi citada acima, que

hoje possui apenas seis feirantes, perceberemos que a tendência dessas feiras é desaparecer ou, para sobreviver, criar novas maneiras de atender o seu público.

Esse tema merece nossa atenção em trabalhos futuros, não precisamos esperar essas feiras acabarem para serem objetos de estudo. Podemos pesquisar como os feirantes criam mecanismos para resistir a essas mudanças.

No segundo capítulo, trabalhamos as falas desses trabalhadores, respeitando suas próprias interpretações sobre seu local de trabalho e suas práticas.

A principal importância desse capítulo é a tentativa de demonstrar que a feira não pode ser tratada como um local de tradição, acima das mudanças da cidade. Os sujeitos sociais que compõem esse espaço demonstraram em suas falas que estão diariamente elaborando modos de trabalho e de vida para manter o seu espaço de trabalho, lutando não só com fatores internos como externos.

Tentamos abordar temas como o início da carreira desses sujeitos, como eles enxergavam esses espaços no início, e percebemos que tais espaços eram vistos como uma forma de sair da condição de empregado, mas, ao longo dos anos, esse sonho se transformou em luta pela sobrevivência diária. As entrevistas nos trouxeram à luz como esses sujeitos interagem com seus espaços de trabalho, e quais são suas preocupações, seus desafios do passado, presente e futuro. Podemos perceber nas entrevistas que esses trabalhadores usam da narrativa de memórias passadas para demonstrar como sobreviveram ao tempo e quais suas preocupações para se manterem no futuro.

Isso deixa claro para nós que a feira está longe de ser uma tradição *a priori* em Uberlândia, e que esses trabalhadores buscam alternativas para se manterem no espaço da cidade, interpretando as mudanças à sua volta e internamente no seu local de trabalho.

Tentamos demonstrar na narrativa as características desse local: seus trabalhadores, suas rotinas, seus horários, os frequentadores, seus hábitos, o que procuram, as dificuldades, as superações, os desafios futuros e, principalmente, a possibilidade de novos estudos sobre ele.

Referências

Artigos de Jornais e Decretos:

LEMOS, Vinícius. Operação do MPE e vigilância sanitária continua e fecha lojas no Mercado Municipal. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 10 abril de 2013. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br>>. Acesso feito em 15 de abril de 2013

UBERLÂNDIA. **Decreto nº 5.664**, de 13 de novembro de 1992. Regulamenta a instituição de feiras livres no município de Uberlândia e dá outras providências. Disponível em <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso feito em 15 de março de 2013.

_____. **Decreto nº 7.961**, de 22 de setembro de 1999. Altera o Decreto nº 5.664, de 13 de novembro de 1992, que regulamenta a instituição de feiras livres no município de Uberlândia e dá outras providências. Disponível em <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso feito em 15 de março de 2013.

_____. **Decreto nº 8.356**, de 13 de dezembro de 2000. Altera o Decreto 5.664, de 13 de novembro de 1992 que regulamenta a instituição de feiras livres no município de Uberlândia e dá outras providências. Disponível em <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso feito em 15 de março de 2013.

_____. **Lei nº 10.702**, de 10 de março de 2011. Disciplina a instituição de feiras livres no município de Uberlândia, revoga os Decretos nº 5.664, de 13 de novembro de 1992; nº 6.757/95; nº 7.870/99; nº 7.961/99; nº 8.356/00; nº 8.569/01; nº 8.461/02 os artigos 24 e 25 da Lei nº 4.744/88 e dá outras providências. Disponível em <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso feito em 15 de março de 2013.

_____. **Lei nº 11.108**, de 30 de abril de 2012. Altera a Lei nº 10.702, de 10 de março de 2011, que disciplina a instituição de feiras livres no município de Uberlândia, revoga os Decretos nº 5.664, de 13 de novembro de 1992; nº 6.757/95; nº 7.870/99; nº 7.961/99; nº 8.356/00; nº 8.569/01; nº 8.461/02 e os artigos 24 e 25 da Lei nº 4.744/88 e dá outras providências. Disponível em <<http://www.uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso feito em 15 de março de 2013.

Entrevistas:

Adenilton, 53 anos, 04 de setembro de 2010, entrevista concedida ao autor, acervo do autor.

Aparecida, 48 anos, 15 de agosto de 2010, entrevista concedida ao autor, acervo do autor.

Danilo, 23 anos, 21 de agosto de 2010, entrevista concedida ao autor, acervo do autor.

José Carlos, 50 anos, 15 de agosto de 2010, entrevista concedida ao autor, acervo do autor.

Bibliografia

- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: EDUSC, 2006.
- BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. **A pequena cidade nas teias da aldeia global: relações e especificidades sócio-políticas nos municípios de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara-MG**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geografia, UFU/Uberlândia, 2008.
- BARBERO, Jesus M. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**, R. de
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BIAVATTI, Vânia Tanira. **Sindicalismo docente e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Tese. (doutorado em Ciências Sociais). PUC/SP, 2006.
- BRESCIANI, Maria Stella. **Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade: um desafio para o historiador**. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com>>. Acesso feito em 12 de setembro de 2013.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à história**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro. **Um historiador fala de teoria e metodologia**. Ensaios. Bauru, SP:Edusc, 2005.
- CERTEAU, M. A. A operação historiográfica”. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). **História: novos problemas**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- D’ALESSIO, Márcia Mansor. **Reflexões sobre o saber histórico**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.

_____. **A idéia de cultura**. São Paulo: Editora da Unesp, 2005b.

EL BANAT, Ana Kalassa. **Cidades veladas, cidades desveladas: uma perspectiva de olhares sobre representações urbanas**. Santos 1864-1907. Tese (doutorado em História), PUC/SP, 2000.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Entre a igualdade e a distinção: a trama social de uma grande empresa corporificada no uniforme de trabalho**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

FONSECA, Maria de Lourdes Pereira. **Forma Urbana e Uso do Espaço Público: as transformações no centro de Uberlândia, Brasil**. Programa de Doutorado em Urbanismo da Universidade Politécnica de Catalunya. Barcelona, 2007.

FONTANA, Josep. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: EDUSC, 1998.

FONTANA, Josep.: **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das GONÇALVES, Janice. **Sombrios Umbrais a Transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX**. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade de São Paulo, 2006.

GOULART, Maurício Guimarães. **Apenas uma Fotografia na Parede: caminhos da preservação do patrimônio em Uberlândia**. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (Dissertação), Brasília, 2006.

HALL, S. **Estudos Culturais: dois paradigmas**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2003.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. 2ª Ed., São Paulo: Loyola, 2006.

HOBSBAWN, E. J. **Sobre história: ensaios**. Companhia das Letras, 1998.

_____. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IGGERS, Georg G. **La Ciencia histórica en el siglo XX. Las tendencias actuales**. Barcelona: Idea Books, 1998.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Orgs). **Muitas Memórias, outras Histórias**. São Paulo: Olho d' Água, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição á semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC Rio, 2006.

LEITE, Rogério Proença de Sousa. **Espaço público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo**. Tese (doutorado em Ciências Sociais) Campinas: UNICAMP, 2001.

Letras, 2007.

MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARGLIN, Stephen. Origem e funções do parcelamento das tarefas: para que servem os padrões?. In: **Crítica da divisão do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MASSEI, Roberto. **A construção da Usina Hidrelétrica Barra Bonita e a relação homem-natureza: vozes dissonantes, interesses contraditórios (1940-1970)**. Tese (doutorado em História). PUC/SP, 2007

MESQUITA, Otoni Moreira de. **La Belle Vitrine: o mito do progresso na refundação da cidade de Manaus. 1850/1900**. Tese (doutorado em História), Rio de Janeiro: UFF, 2005

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, Cultura e Imaginário Urbano: exercício de memória sobre os anos de 60/70 em Juiz de Fora**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006 (tese de doutorado em Comunicação).

PEREIRA, Mirna Busse. **Cultura e Cidade: prática e política cultural na São Paulo do século XX**. Tese (doutorado em História). São Paulo: PUC, 2005.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O Momento da Minha Vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Orgs) **Muitas Memórias, outras Histórias**. São Paulo: Olho d' Água, 2005.

ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. **Antimanual do mau historiador ou como se fazer uma boa história crítica?**. Londrina: EDUEL, 2007.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre.: **La historiografía en el siglo XX: historia e Historiadores entre 1848 y ¿2025?**. Barcelona: Ediciones de Intervención Cultural/Montesinos, 2004, p. 81-104.

ROSSI, Paolo. **Naufraágios sem espectador**: a ideia de progresso. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SANDOICA, Elena Hernández & LANGA, Alicia (ed.). **Sobre la historia actual: entre política y cultura**. Madrid: Abada Editores, 2005.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na teoria da cultura marxista. Tradução de Bianca Ribeiro Manfrini. **Revista USP**, São Paulo, n.65, p. 210-224, março/maio 2005.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. Na história e na literatura. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

WOOD, Ellen Meiksins e FOSTER, John. (org.). Tradução de Ruy Jungmann. **Em defesa da História**. Marxismo e pós-modernismo. Ri